

Capoeira Regional

uma visão dos alunos de Bimba

Hellio Campos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

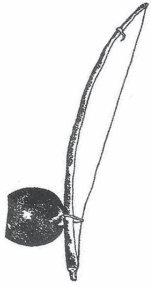
CAMPOS, H. Capoeira Regional: uma visão dos alunos de Bimba. In: *Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 178-185. ISBN 978-85-232-1727-3. Available from: doi: [10.7476/9788523217273.0015](https://doi.org/10.7476/9788523217273.0015). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/p65hq/epub/campos-9788523217273.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Capoeira Regional:
uma visão dos alunos de
Bimba



Os pontos de vista e o entendimento dos alunos de Mestre Bimba e de mestres, contramestres e professores de capoeira, a respeito da Capoeira Regional nos auxiliam a esmiuçar algumas particularidades inerentes ao olhar daqueles que conviveram diretamente com Bimba e igualmente daqueles pertencentes à nova geração de capoeiristas.

Sabendo de antemão que nossos entrevistados tiveram uma expressiva passagem pelo Centro de Cultura Física Regional, em diferentes épocas, isso nos instiga a buscar a impressão que cada um deles tem sobre o CCFR.

Cafuné assim se coloca:

Eu tenho duas impressões fortes. Uma, que era o local de aprendizagem, não só de capoeira, mas como aprendizagem de vida e, a segunda, a impressão de uma irmandade muito grande, um companheirismo, uma comunicação muito grande, uma cumplicidade muito forte entre as pessoas que estavam ali e que praticavam. E isso não tava só ali dentro, como a gente levava isso também para fora; nossos colegas que estavam ali com outras pessoas que estavam de fora, a gente começava a praticar aquela cumplicidade, aquela amizade e harmonia que a gente tinha ali dentro.

Para Medicina:

O Centro de Cultura Física Regional ainda vai merecer muitos estudos sobre a sua fundação e manutenção. Não sei como ele sobreviveu, inclusive após já ser considerado um local de referência para a capoeira, com aquela administração tão primária do Mestre Bimba. Como pude participar e ajudar na parte da administração financeira (naquela época não possuía nenhum conhecimento sobre o assunto), após oito meses do meu ingresso para aprender capoeira até o meu afastamento, quando já médico e fazendo pós-graduação e também cuidando das necessidades médicas do Mestre Bimba juntamente com o Mestre de capoeira Ângelo Decanio, meu mestre na Faculdade de Medicina em Técnica Cirúrgica (que dominava como poucos professores e médicos baianos). Somente sei que as dificuldades financeiras e a falta de uma administração efetiva levaram à sua falência e à inconsequente transferência do Mestre Bimba e suas famílias para Goiânia (*sic*).

Gato Branco refere-se ao centro de cultura física, dizendo: “para mim, naquele tempo, é que o centro formava bem os jovens. Bimba buscava alguma forma de ensinar, transmitir os ensinamentos da capoeira regional, como uma defesa pessoal com um misto de dança folclórica (*sic*)”. Porém, “não somente se detinha a ensinar defesa pessoal, ensinava a parte comportamental, como a gente devia se comportar como capoeirista”. Enfoca ainda, que esses ensinamentos adquiridos na academia o têm servido muito na vida profissional.

Galo é enfático, afirmando que:

Mestre Bimba tinha um nivelamento para todos os alunos, ele impunha aquela austeridade no ensinamento, agora, tinha alguns alunos que ficavam no esquentar-banho e às vezes no Sítio Caruano depois das festas e, às vezes, nós íamos para lá onde acontecia uma festa, eu diria familiar, da família de Mestre Bimba, dos seus capoeiristas. Então a gente tinha um tratamento, assim, eu diria em determinados momentos. Essa é outra imagem que vem, depois que ia todo mundo embora, tanto lá, mas principalmente lá em cima no terreiro, ele ficava sentado naquela janela — se lembra Helio? — e botava os pés pra cima e ficava batendo papo

com a gente, aquilo era outro ensinamento, porque aí ele relaxava e começava a contar as suas histórias, histórias que nos ensinavam sem precisar estar naquele momento dando pernada, estava nos ensinando como interpretar todos os passos e as pernas que ele deu na vida (*sic*).

Angoleiro conta muitas histórias da sua inserção na capoeira, dizendo que inicialmente começou a praticar Capoeira Angola com Mestre Pastinha e depois, por insistência do seu pai, chegou até a academia da Capoeira Regional de Bimba. Relata, ainda, que no início não gostava muito, mas que contou com o apoio decisivo de Bimba: “eu contei com a paciência de Mestre Bimba, ele tinha o maior carinho, ele tinha um cuidado comigo que era um negócio, ele não era um pai não, ele era uma mãe muito cuidadosa, ‘bota a perna aqui Angoleiro’ e me levava com jeito”. Angoleiro diz ainda ter sido uma pessoa difícil, “muito torto em matéria de comportamento de rua” e que na escola, em casa, na academia, ele tinha um tipo diferente da personalidade “meio doida” que apresentava na rua. Esse comportamento deu margem a Mestre Bimba para lhe aplicar uma punição, “uma suspensão” que coincidiu com o dia da formatura. Admite Angoleiro que esse fato o marcou profundamente.

Angoleiro conta em detalhes o fato incomum:

[...] a suspensão aconteceu no dia da minha formatura, a minha madrinha seria inclusive Emilia Biancardi, tava tudo certo, tudo bonito, ela estava pronta para ser a madrinha e ele me deixou na casinha, uma budegueira onde era servida a mulher barbada lembra, ele me deixou ali, meu parceiro de formatura era Medicina Branco, que não é o Medicina de Itabuna. Então, quando foi um dia ele passou na oficina de meu pai e disse ‘diga ao Angoleiro para ir lá’, era perto do meu aniversário, meu aniversário é 25 de abril, isso foi em 1961. Então, no dia 23 de abril num domingo cheguei lá, ele fez uma roda pra mim e me formou, a festa não foi lá no Sítio Caruano. Pois bem, ele me formou, fez a roda comigo, foi uma festa muito bonita, eu chorei pra burro na época, fez o jogo do ‘tira-medalha’, me deu minha medalha e me deu de presente, uma coisa que tenho até hoje, que foi o dobrão de Santa Cecília dele, como uma forma de expressar seu carinho. Ele gostava muito de mim e eu andava muito com ele (*sic*).

Angoleiro conta ainda que Mestre Bimba, nos intervalos de aula, especialmente a do meio-dia, o convidava para acompanhá-lo à oficina de seu pai, e muitas vezes desciam o Chariou Gonçalves para ir ao Cais do Ouro e sempre foi muito carinhoso com ele. Disse que Mestre Bimba era engraçado, gozador, “moleque”, e “uma pessoa totalmente diferente do que ouço falar por aí da dureza dele”.

Sobre a maneira de Mestre Bimba ensinar a Capoeira Regional, Angoleiro fala particularmente de um momento em que o mestre procurava ensinar-lhe um martelo, ou melhor, a corrigir o golpe do martelo, que ele praticava de maneira perigosa, e se lembra dos exercícios que desenvolveu na cadeira. À forma didática usada por Bimba, acrescenta sua paciência, “de maneira competantíssima e paciente que um didata efetivamente assumido, assunto, entendeu, na sua base de sabedoria pode referenciar” (*sic*). Diz ficar intrigado com a complexidade da Capoeira Regional: “pra mim, complexidade saudável, é exatamente o fato dela ter sido instituída por essa relação apresentada por esse didata que foi Mestre Bimba, mas com a sua própria pedagogia montada à maneira dele, uma pedagogia perfeita” (*sic*).

Escurinho — que disse militar na área da capoeira há 43 anos, colaborando com a Fundação Mestre Bimba, Projeto Capoeirê, escrevendo artigos, orientando mestres de capoeira, participando de eventos e ministrando aulas — asseverou que frequentou assiduamente a escola de Bimba durante nove anos ininterruptos. “Eu andava colado com ele”. Lembrou

ainda que foi um aluno privilegiado, por ter acesso livre à academia, pois podia frequentar as aulas de Capoeira Regional sem ter um horário fixo.

Sobre a influência da Capoeira Regional na sua vida, Escurinho salientou que “aprendeu a se relacionar com as pessoas e que o relacionamento entre indivíduos é uma arte de viver, é como uma arte de vender, ser um vendedor e essa experiência na academia de Mestre Bimba lhe proporcionou oportunidades na sua vida profissional. Por esses e muitos outros motivos, ele considera Mestre Bimba um educador. “A imagem que tenho de Bimba é a de um educador”.

Nalvinha retrata a Capoeira Regional pela sua vivência no Grupo Folclórico:

Eu sambava e dançava o candomblé. O grupo de apresentações trouxe o ensinamento valioso para mim, foi a partilha. Sabe, eu aprendi a partilhar e aprendi a me preocupar com o próximo. Você lembra, principalmente quando nós viajávamos, a preocupação que ele tinha com todo mundo, de ficar num bom lugar, ficar num hotel legal, ter boa comida, queria estar certo que todos estivessem bem, realmente se preocupava com todos (*sic*).

Ressalta que Mestre Bimba fazia questão de dividir o cachê entre todos os participantes: alunos, tocadores e baianas. “Nesse ponto quero dar o meu testemunho de que eu participei do Grupo de Apresentações de Bimba e em diversas ocasiões recebi a partilha do cachê, que como estudante vibrava com a possibilidade de um bom fim de semana”.

Sacy entende que o Centro de Cultura Física Regional “era uma escola de vida, ali você não somente aprendia a se defender e atacar, lógico, até como uma luta. Nós aprendíamos uma terapia de vida, dentro da academia de Bimba, lá você se desligava dos problemas”.

Assim revela: “não tínhamos problemas com os companheiros da capoeira, lá não havia inimizade, era um ambiente muito sadio”. Sobre o ambiente, assevera que não existia fofoca por esse motivo. “Chegar na academia era como se tivéssemos chegando na própria casa”.

Arara afirma que entrou para “aprender a Capoeira Regional pela sua admiração, principalmente por julgar ser a capoeira mais dirigida para a defesa pessoal, também pela sua beleza”.

A impressão que guardo da Academia de Mestre Bimba tem um sentimento de muita fraternidade. A Academia era uma família, embora tivesse treinos meio quentes, mas existia o culto da amizade, uma amizade e companheirismo a toda prova. Tanto assim, quem mexia com um aluno de Bimba, podia estar mexendo com toda a Academia, mexia no enxame todo. A Academia tinha um ambiente bem família comandada por um chefe de família austero, que também mostrava suas alegrias, especialmente nas festas de formaturas, onde Bimba se mostrava mais descontraído e alegre (*sic*).

Para Geni, “na Academia de Mestre Bimba a convivência era bastante franca. Mestre Bimba nos ensinava não somente a capoeira, mas ensinava a se ter o respeito mútuo, ensinava como na vida se ganha e se perde”. Contou, que teve a oportunidade de tomar um galopante de um companheiro de jogo e o mestre fez a pressão costumeira incentivando que corresse atrás do prejuízo, fosse em busca da forra.

Geni disse ainda que na academia de Mestre Bimba, “a gente jogava uma capoeira forte. Em todas as aulas, nós víamos acontecer os golpes da rasteira, vingativa, banda-de-costa, banda-traçada, galopante e ainda tinha o esquentar-banho, mas nunca presenciei uma briga”.

Mestre Bimba ensinava a gente ser um capoeirista, a respeitar o colega, a viver em comunidade, a saber se você tomou uma rasteira hoje é por que você vacilou, você deu uma brecha, porém amanhã pode recuperar o tempo perdido. Na Academia de Mestre Bimba foi o lugar onde fiz bastantes amigos e aprendi mais do que na Capoeira Angola, mais que Capoeira de Rua, que na roda todo mundo é igual.

Decanio chama a atenção que uma das lições da Capoeira Regional é simplesmente fazer as pessoas entenderem que não se cria nada sozinho, apenas o Deus Criador é capaz de fazê-lo. “Na verdade, a Regional no boom da capoeira não é de Bimba só, não é minha, não é sua, não é dele, não é de ninguém, é o dedo de Deus”. Relata a influência dos alunos na construção da Capoeira Regional, citando o papel de Cisnando na década de 1930, quando veio para a Bahia estudar medicina e frequentou intensivamente as aulas de Bimba.

A academia de Mestre Bimba era uma verdadeira escola; escola essa que ensinava Capoeira Regional como principal motivação, no entanto extrapolava suas ações, ensinando a viver, a ser um cidadão, um homem de princípios morais. O ensino da Capoeira Regional não se limitava unicamente à sala de aula, ao espaço físico do CCFR, ele ultrapassava os muros da academia, proporcionando novas experiências e conhecimentos.

A capoeira ensinada no CCFR tinha um vigor motivacional surpreendente, justamente pelos desafios impostos cotidianamente e por um aprendizado baseado na experimentação constante e sempre na perspectiva da descoberta do novo.

Como se referiu Cafuné, era um local onde se aprendia capoeira, conviviam com os diferentes, enriquecia o espírito e se fazia amigos: “a gente começava a praticar aquela cumplicidade, aquela amizade e harmonia que a gente tinha ali dentro”. Medicina fala de uma situação deveras instigante, pois também relatou a confiança que Bimba tinha nos seus alunos que sempre os colocava para ajudar na administração do seu centro de cultura e capoeira. Possivelmente, pela insegurança que o assolava, pelo pouco estudo, mas, sobretudo, como um gesto de confiança partilhado por todos os seus alunos.

CAPOEIRA REGIONAL: A VISÃO DOS MESTRES, CONTRAMESTRES E PROFESSORES

Segundo estimativas baseada em dados empíricos, atualmente, mais de 80% da capoeira ensinada no mundo é Capoeira Regional ou uma variação dela, como dizem alguns mestres, uma “deturpação”. Assim, perguntamos: como os mestres e professores percebem a Capoeira Regional? Qual o olhar para este estilo de capoeira?

Para Minhoca:

A capoeira regional é uma arte-luta, que pode ser abordada tanto no aspecto cultural quanto esportivo, possui exame de admissão, método de ensino, especialização, cintura desprezada, esquentar-banho, formatura, 7 toques no berimbau, orquestra constituída por 1 berimbau e 2 pandeiros, quadras, corridos, jogo de iúna na formatura, chave de ouro, tira medalha, graduações (representadas através dos lenços), orador, paraninfo, madrinha, mais do que todos esses serviços técnicos, ela é um excelente instrumento de cidadania (*sic*).

Pangolim diz que a Capoeira Regional é “um estilo revolucionário que ajudou a capoeira a sair da clandestinidade e cumpriu bem seu papel histórico nas décadas passadas”. Dudu retrata a Capoeira Regional como um “estilo novo e eficiente de ensinar capoeira”. Já,

Burguês, diz ser a Capoeira Regional uma renovação que evolui até os dias de hoje. Para Queijadinha d'Angola, a Capoeira Regional “aproxima-se do que denomino de uma visão moderno-esportiva”. Tosta enfoca a Capoeira Regional como “uma luta de grande poder, que através dos seus métodos, faz com que o seu praticante desenvolva várias habilidades, como: agilidade, força, destreza, coordenação, equilíbrio entre outros, aumentando a noção de tempo e espaço”. Lucas, por sua vez, destaca a Capoeira Regional como sendo “uma manifestação cultural de suma importância para a organização e o desenvolvimento da capoeira no mundo”.

Daiola assim disse: “Para mim, a Capoeira Regional é, além de cultura, um ótimo esporte, que trabalha não só a parte física do corpo, como também a criatividade e a percepção. Ela é completa desde o método de ensino até seus toques, cantos e sua ‘malandragem’”. No entendimento de Boneco, a Capoeira Regional “é sem dúvida nenhuma uma capoeira mais dinâmica, objetiva, com mais recursos”. Acha ele que, atualmente, não se pratica mais a verdadeira Capoeira Regional, visto que ela vem sofrendo modificações, a ponto até de ser intitulada “Capoeira Regional Contemporânea”. Carlos Amorim salienta esse estilo de capoeira, distinguido-a pela característica marcante de “uma defesa pessoal bastante eficiente” e justifica dizendo que possui uma série de golpes que possibilitam ao seu praticante poder praticá-la de muitas maneiras, sem perder a sua característica de luta. Pode, ainda, ser utilizada como ginástica; serve para ser exibida num contexto folclórico e representa, sobretudo, a nossa cultura.

Para Cabloca, a Capoeira Regional “é uma recriação a partir da capoeira praticada em meados da década de 1920 para 1930, em Salvador, de movimentos de danças da cultura afro, de elementos oriundos de outras artes de defesa pessoal e do sistema educacional no Brasil”.

Falcão fala igualmente do seu olhar: “A minha visão em relação à Capoeira Regional é a de que ela tem sido alvo de muitas tentativas de re-significações, embora alguns discípulos de Mestre Bimba estejam empenhados em preservar suas principais contribuições”. Carson exprime seu sentimento e de certa maneira concorda com Cabloca e com Falcão sobre as mutações que a Capoeira Regional vem sofrendo: “Acredito que a Capoeira Regional, tal como ela foi concebida pelo Mestre Bimba, não exista mais, pois, como ele próprio previu, ‘ela vai se modificando com o tempo’”. Porém, ela foi e é de vital importância para o desenvolvimento de nossa arte, pois foi através dela que as autoridades da época reconheceram o valor da capoeira. A Capoeira Regional traz a beleza e a plasticidade da luta.

Falcão também fala acerca do processo de difusão da capoeira, em escala mundial: “a Capoeira Regional vem incorporando novos elementos estéticos e menosprezando alguns que faziam parte de sua estrutura ritualística, como a conhecida ‘cintura desprezada’, por exemplo”. Hoje, o que se verifica é um acentuado uso de acrobacias, cada vez mais complexas, e o aumento na velocidade dos jogos.

Nas citações das duas amostras expressas anteriormente, encontramos divergências no que diz respeito ao entendimento da Capoeira Regional e essas discrepâncias são verdadeiramente significativas, no sentido de compreendermos melhor o significado da Capoeira Regional para esses informantes.

Tabela 5 - Análise comparativa entre alunos de Mestre Bimba e mestres, contramestres e professores de capoeira

CAPOEIRA REGIONAL NA VISÃO DOS ALUNOS DE BIMBA	CAPOEIRA REGIONAL NA VISÃO DOS MESTRES, CONTRAMESTRES E PROFESSORES
✚ Um local de aprendizagem de capoeira;	✚ É uma arte-luta que pode ser abordada de várias maneiras;
✚ um local de aprendizagem para a vida;	✚ é um estilo revolucionário que ajudou a capoeira a sair da clandestinidade;
✚ um local de companheirismo;	✚ é um estilo novo e eficiente de ensinar capoeira;
✚ um local onde se tinha irmandade;	✚ é uma manifestação cultural de suma importância para o desenvolvimento e organização da capoeira no mundo;
✚ um local de cumplicidade onde se cultivava a amizade e a harmonia;	✚ é, além de cultura, um ótimo esporte;
✚ um centro que merece muitos estudos;	✚ é uma capoeira muito dinâmica, objetiva, e composta de muitos recursos;
✚ um local onde se ensinava a defesa pessoal com o misto de dança folclórica;	✚ é uma defesa pessoal bastante eficiente;
✚ um local onde se ensinava a parte comportamental;	✚ é alvo de muitas re-significações;
✚ um local onde existia um nivelamento para todos os alunos;	✚ trás a beleza e a plasticidade da luta;
✚ a Capoeira Regional tem complexidade; e	✚ tem incorporado novos elementos estéticos; e
✚ um local onde se convivia com os diferentes e se enriquecia o espírito.	✚ Mestre Bimba deixou excelentes representantes para continuar sua criação.

Não restam dúvidas sobre as diferenças, uma vez que os alunos de Mestre Bimba se exprimiram sobre o assunto movidos pela emoção, sedimentada em suas lembranças do tempo em que conviveram, aprendendo a arte de capoeirar na academia de Mestre Bimba, há mais de 30 anos atrás. Eram outros tempos, outras concepções, outros momentos, outras exigências, outras formas de comunicação e de valoração da capoeira.

Percebemos, então, que eles, por terem vivido a roda da Capoeira Regional de Bimba, estão certos da sua complexidade, dos ensinamentos manifestos naquele espaço único, dos sentimentos de irmandade e amizade realçados nos dias atuais nos muitos encontros de capoeiristas, nas mudanças comportamentais advindas do amadurecimento pessoal e no ganho indiscutível pela convivência diuturna com os diferentes.

Compreendemos, portanto, que os mestres, contramestres e professores, que intitulo aqui de “nova geração”, estão vivendo uma “nova era” da valorização da capoeira no mundo, especialmente quando eles se colocam, certificando ser a Capoeira Regional uma

manifestação cultural que também é esporte e dança folclórica. Ressaltam, ainda, o valor estético, a plasticidade da luta, o dinamismo das re-significações, um estilo revolucionário que ajudou a capoeira a sair da clandestinidade e a eficiência no ensinamento dessa arte, dança, luta e esporte.